ANO 6.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 1926 N.º 1718

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

COM a inauguração, amanhã, do Teatro do Gimnasio, á frente de cuja companhia estão Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, com as inaugurações do Politeama, que salienta os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo, do Nacional, onde se encontram Adelina Abranches, José Alves da Cunha e Berta Bivar, do Trindade, onde realçam os nomes de Lucilia Simões e Erico Braga —ficam abertos os nossos melhores teatros de declamação. Já estão a funcionar os teatros de opereta, "vaudeville„ comedia ligeira e revista.

A temporada teatral vai em pleno entusiasmo, e oxalá que os factos correspondam ás aspirações.

Por que muito queremos aos artistas nacionais—cujas glorias são menores que os seus dissabores—daqui, deste lugar pouco dado a noticias de teatro, os saudamos, como portugueses, desejando que o publico corresponda ás aspirações e aos sacrificios de artistas, alguns notaveis e todos mais ou menos brilhantes, e cuja vida de acção e de entusiasmo não é apenas a daquelas três horas apressadas que o publico vê correr no relogio distraido da sala.

* * *

A IDEIA da organisação do Museu da Grande Guerra, feito pela Liga dos Combatentes, despertou grande entusiasmo nos meios militares.

A viuva do general Tamagnini de Abreu, que foi comandante do C. E. P., ofereceu á Liga, para o Museu da Guerra, o capacete de seu marido e algumas espingardas apreendidas aos alemães durante um "raid„ feito pelas tropas portuguesas.

Outros oferecimentos estão chegando diariamente á séde da Liga, o que faz prever que o Museu da Guerra será dentro em breve uma realidade.

* * *

CONTINUAM as manifestações de regosijo pela criação do novo concelho da Murtosa.

Esta tarde recebemos o seguinte telegrama:

"PARDELHAS, 4.—Comissão concelho Murtosa sauda calorosamente redacção, agradece valioso apoio, defeza sua causa legitima aspiração freguezias hoje reunião confraternisação no Bunheiro entre elementos preponderantes.—Almeida„.

* * *

PARA premios e despesas motivadas por Congressos, assistencia a manobras de exercitos estrangeiros, oficiais que vão servir nesses exercitos visitas de oficiais estrangeiros, etc., foi aberto a favor do ministerio da Guerra um credito de 250 contos.

* * *

O SR. dr. Antonio Joice foi considerado como secretario geral adido do Governo Civil de Lisboa, visto ter mais de cinco anos e meio de serviço como chefe de repartição, e atendendo a seus meritos e serviços.

A SAUDE

O estado sanitario de Lisboa demanda cuidados especiais, ou, como diz um velho clinico—"uma limpeza exemplar".

As aguas que bebemos andam inquinadas: o tifo, que, nesta ocasião, recrudesce, alargando a sua acção maligna e mortifera, é-nos fornecido pelos contadores da Companhia.

Podemos considera-lo um filho do monopolio—em serviço domestico.

Quantos lisboetas não repousam já sob os ciprestes, porque, em hora fatal, beberam ou se lavaram com um liquido chamado agua, no qual a morte se disfarçava sob a forma invisivel de microbios—propagadores duma doença que devora os fracos e verga os fortes.

O pão... os leitores conhecem o que se diz, na Biblia, da sua pureza, da sua santidade?

Cristo sacrificou-se pelos homens, dizendo-lhes que a sua doutrina seria o pão da Redenção.

Desgraçadamente, o que se come nas nossas mesas nem sempre tem o sabôr de pão — amargo, pegajoso, ás vezes vitreo, mal cosido, com cheiros exquisitos e lixos asquerosos.

Quasi todos nós o pagamos duas vezes — o seu preço de venda, nas padarias ou aos domicilios e aquele preço macabro, em consultas e botica, quando ele espalha, nos nossos corpos pecadores, as pestes que as sordidas cubiças lhe comunicaram.

O maior veneno de Portugal é a politica: esta encontra-se na agua que bebemos, no pão que comemos, no no azeite, no açucar, nas hortaliças e legumes, no bacalhau e no arroz.

Não existe, á face da terra, um pais em que ela faça tantos danos.

O peixe aparece, nos mercados e nas canastras das varinas, já estragado.

Porquê, presado consumidor, vitima de direitos que não tens e de obrigações que não cumpres?

Indaga bem e acabarás por compreender que as manhas duma politica e a velhacaria dum traficante se conjugaram contra a tua saude.

Neste momento, os viveres encarecem a olhos vistos: as donas de casa têm que fazer milagres frequentes, a fim de multiplicar 10$00 diarios pela fome insaciada duma familia inteira.

Como resolver este problema comico, absurdo e irritante? — Eis a margarina, a niveina, os oleos que parecem azeite e os azeites que parecem ricino...

O consumidor paga e come, depois só paga mas não come, por fim nem come nem paga: outros cá ficam em seu lugar a suportar o mesmo jugo, a tragar as mesmas feses e a arrastar a mesma cruz.

E' facto que estamos numa epoca de muita independencia em que os cidadãos se reputam com a força suficiente para negar e destruir o Estado...

Isto, porém, não impede que eles sejam envenenados metodicamente, ingerindo alimentos que lhes cortam a palavra, a gritarem:

—"O futuro pertence aos homens livres...„

OS PAVIMENTOS

—A Camara Municipal devia mandar os soldados restaurar, com cimento, as ruas de Lisboa.
—Bem sei. Pelo processo do cimento-armado.

UM leitor escreve-nos dizendo—aliás com muita ponderação—não se compreender que agora, em plena epoca de chuvas, continue a faltar a agua em Lisboa, tal qual como na epoca da estiagem.

Como sabemos que a Companhia não tem interesse em se desacreditar, por nossa banda estamos certos de que razões imperiosas levarão a este triste estado de coisas. Mas o que é demais—parece mal. O *Diario de Lisboa*, agora de facto, em epoca de chuvas, a certas horas do dia não tem agua! Isto deve acontecer em muitos milhares de casas em Lisboa. Porquê?

Já ouvimos uma explicação. Que a agua ia para o Tejo, porque andam a ser limpos os depositos, como medida higienica.

Seja como fôr, a Companhia terá as suas razões; mas nós, o publico, a Cidade, temos as nossas, aliás muito ordeiramente expressas.

Que se exprima tambem o sr. Carlos Pereira em termos de provar que está á altura da situação e de nos dar agua, embora o preço não esteja ainda aumentado.

* * *

CHEGAM-NOS informações mais pormenorisadas sobre a companhia lirica que se estreia em S. Carlos nos primeiros dias de dezembro.

A opera de abertura será a "Aida„, com a soprano dramatico Aranyi Lombardi, dos teatros Scala, de Milão, e Colon, de Buenos-Ayres, dirigindo a orquestra o maestro Giacomo Armani, artista conhecido e querido do nosso publico.

Entre outras celebridades, foi contratada para alguns espectaculos a formosa soprano ligeiro brasileira Bidu Sayao, a cuja triunfal carreira nos principais teatros da Europa e America já nos referimos.

* * *

O LIVRO de Antonio Sardinha "Na feira dos Mitos„ posto á venda ha quinze dias, acha-se já esgotado. Editado pela livraria Ferin, acaba de entrar no prelo um novo volume póstumo do ilustre escritor "A' sombra dos porticos„ que deve sair até ao fim do ano.

Tambem a Livraria Universal lançará no mercado, dentro de pouco tempo, as suas paginas de comentarios á grande guerra e que Antonio Sardinha intitulára "Durante a fogueira„. Do poeta delicadissimo da "Chuva da tarde„ e num trabalho cuidado da mesma casa editora, aparecerá no Natal uma colecção de enternecidas elegias, subordinadas ao titulo "Era uma vez um menino...„

* * *

OS distintos professores Camara Reis e Rodrigues Lapa organizaram duas selectas para o ensino do francês.

A primeira intitula-se *Le Petit Élève de français* e a segunda *La Douce France*. As ilustrações são de Raquel Gameiro Ottolini. São livros que, no seu genero, não têm rival, entre nós.

A Espanha...

... e a questão da pesca

Como sempre que se debate a questão da pesca, apareceram agora nos jornais espiritos pusilanimes, — que a cada passo julgam ameaçada a nossa soberania por serem encontrados barcos espanhois pescando nas nossas aguas, — tocando a corda sensivel do patriotismo e procurando demonstrar sinistras intenções da Espanha a nosso respeito. Essas atoardas encontram sempre eco no espirito publico, mercê duma campanha sistematica e pertinaz contra a Espanha, que certos elementos vêm fazendo surdamente e de ha muito tempo, não só pela imprensa, mas por todos os meios de que podem dispôr. Os intuitos dessa campanha são sobejamente conhecidos, assim como os seus autores. Quanto aos resultados dela estão á vista. Conseguiu-se realmente criar no espirito publico uma desconfiança hostil contra os nossos visinhos, cujas manifestações são as vezes mais visiveis que outra coisa.

Contrastando com isto, vemos em Espanha uma extraordinaria corrente de simpatia para Portugal, corrente alimentada pelo seu proprio Rei, que, em sucessivas manifestações que muito nos deveriam sensibilisar, não deixa logar a duvidas sobre as suas intenções a nosso respeito.

Ora não quer dizer que a questão que agora se debate tenha sido levantada pelos autores da campanha a que me referi. Foi-o, sim, mas pelos industriais da pesca e da conserva da sardinha, que, no intuito muito justo de pugnarem pelos seus interesses, deturparam a verdadeira questão, que é meramente comercial, transformando-a numa questão politica nacional.

E senão vejamos:

Quem, de bom senso, e que veja desapaixonadamente a questão, pode querer tornar responsavel o governo espanhol pelos abusos e atropelos dos industriais da pesca ou dos comandantes dos barcos?

Mas, a proposito disso, o que é mais grave, apareceram tambem noticias aterradoras que nos falam de armazens de viveres, terrenos terraplanados, pavimentos «betonés» e sapatas para artilharia, letreiros em espanhol nas encrusilhadas, tudo isso em propriedades pertencentes a subditos castelhanos e satanicamente colocadas nas nossas principais linhas de invasão.

Esses romances, forjados por espiritos impressionaveis e sugestionados pelas recordações dos preparativos militares alemães em plena França, antes de 1914, são lançados imprudentemente para os jornais, sem ponderar os inconvenientes que tais atoardas podem trazer para a nossa politica internacional, que hoje, mais do que nunca, tem que desenvolver-se num sentido de aproximação da Espanha, a qual nos ligam interesses comuns no concerto das nações.

E porque assim é, temos que nos desligar um pouco dos tradicionalismos a que temos estado aferrados, e encarar de frente o nosso problema internacional, para ver se ainda é tempo de modificarmos as directrizes da nossa politica externa dos ultimos tempos, que ninguem tem o direito de alcunhar de brilhante.

Mas voltando ao assunto:

Não pensaram ainda os autores da campanha nas circunstancias especiais em que hoje qualquer país necessita estar para fazer uma guerra?

Como pode triunfar hoje um exercito lançado numa aventura guerreira, que no seu pais não tenha um forte apoio da opinião publica?

E é a Espanha que melhor que ninguem o sabe, e por experiencia propria e bem recente, que para preparar uma agressão contra Portugal, começava por excitar no seu proprio país uma corrente de carinhosa simpatia para com o nosso, cuidadosamente trabalhada e conduzida?

Que respondam a isto os autores da campanha, e não queiram vêr, mesmo em qualsquer preparativos militares de fronteira, que, de resto, qualquer país tem o direito e o dever de proteger, outra coisa que não seja uma demonstração de que a Espanha se não esqueceu das scenas finais de uma guerra que ha anos se feriu na Africa Meridional, e não ignora com que auxilios conseguiu Abd-el-Krim organizar e manter a sua recente rebelião.

* * *

Um dos casos que mais clamores tem levantado é o da construção de um seminario espanhol no cruzamento das estradas Verin-Regua e Lion-Beira (?)

Ora, pondo já de parte que o seminario não foi construido á americana, em hora e meia, e que, na época da sua construção, estava a Espanha num dos periodos mais criticos da sua historia militar, a braços com a dificilima solução do problema de Marrocos, e sem possibilidades nem elementos para outra aventura de maior tomo, ocorre preguntar quantas propriedades portuguesas ha em territorio espanhol, proximo da fronteira, e que são muitas, e quantas estarão construidas em cruzamentos de estradas, sem que até hoje ninguem se tenha zangado por causa disso.

Mas soceguem os espiritos aterrados, porque o seminario não é espanhol, é andorrino. E se ligarmos esse facto com as noticias vindas a lume na imprensa estrangeira, segundo as quais a Republica de Andorra enviou uma Delegação á Sociedade das Nações, pedindo para lhe serem conferidos mandatos sôbre Angola e Moçambique, por já se sentir á altura de poder arcar com as responsabilidades de potencia colonial, poderemos com justiça chamar a atenção dos poderes publicos para o lado onde está o verdadeiro perigo,

Tudo o mais, é gato por sardinha.

Alvaro Quesada Mendes

TERRAS DE PORTUGAL

As estradas

e os velhos edificios

de Santarem

Ha muitos anos que eu não ia a Santarem e, embora conservasse nitidas recordações a minha visita deu-me, desta vez, um sabor de novidade, porque contemplei com atenção tudo o que vi, fixando impressões e aspectos. E lastimei a incuria com que os poderes publicos e a indiferença quasi geral têm deixado perder, destruir, pelos tempos fóra, os velhos e historicos edificios, testemunhos dum admiravel passado, documentos de tradições gloriosas, em que muito se podia aprender.

A pitoresca cidade, sobranceira ao Tejo, conquistada pelo terrivel Ibn-Errik, priveligiada pela beleza natural da sua situação, teria uma interessantissima sobrevivencia, se respeitassem os seus velhos edificios, se os conservassem, em vez de os profanarem e abandonarem a todos os vandalismos.

O povo é sempre inclinado a sentimentos tradicionais, gosta sempre de comemorações e datas gloriosas e a sua imaginação objectiva, como a das creanças, prefere encontrar alimento relacionando factos antigos e poeticas lendas com os logares, os edificios e as imagens. Seria facilimo ensinar ao povo a historia, a arte e o respeito civico, dando-lhe o exemplo da veneração por tudo isso, conservando escrupulosamente as pedras em que o passado vive, enfim todas as joias que nos deixaram os nossos maiores, dum Portugal que foi grande.

No quartel de artilharia 3 faz uma infinita pena ver os restos dos edificios dos conventos da Trindade (1218) e de S. Francisco (1242) com as suas igrejas goticas profanadas servindo de palheiros e cavalariças, os tumulos destruidos, os seus azulejos arrancados! . . .

Que terrivel decadencia moral, que absoluta incompreensão da grandeza religiosa, da beleza das tradições tudo isso significa! E não vem de agora, vem de ha muitos anos atraz, quando ninguem se assustava com tais sintomas.

Um oficial, que gentilmente nos acompanhou, mostrou-nos, no alto duma escada, um lindo "panneau" de azulejo, representando Santo Antonio.

Portugal é riquissimo em azulejos antigos. Infelizmente, andam para ai desprezados, arrancados, vendidos, feitos em pedaços . . .

No Seminario ha, igualmente, belos azulejos, como os do corredor das aulas do vasto edificio, que foi palacio real e colegio dos jesuitas. Lá nos debruçámos na janela de onde D. Pedro I, segundo se conta, presenceou as torturas dos assassinos da linda Inés.

A igreja do Seminario é vasta e sem colunas, o que atesta a resistencia das suas traves; tem pinturas, talha, mosaicos e marmores negros, de valor.

Demorámo-nos em Santarem apenas algumas horas, de modo que pouco pude visitar, num suave dia de outono, em que já anoitece cedo. Passei por S. João de Alporão, o velho templo, hoje museu, e um dos mais antigos edificios de Santarem, datando do tempo dos romanos.

Passei, tambem, pela torre das Cabaças, o velho Cabaceiro, tão interessante pelas suas tradições, embora de construção singela. El-rei D. Manuel I, simbolizando nas "cabaças" as "cabeças" dos que as mandaram construir, foi injusto, pois que na simplicidade não ha mau gosto. Esta velha torre ameaça ruina. Não seria possivel salva-la, evitar a destruição "do mais carinhoso, o mais lindo, o mais familiar campanario (como lhe chamou Ramalho Ortigão) de toda esta tão formosa campina ribatejana" ?

A nossa tarde terminou nas "Portas do Sol„ onde ainda se vêm cercando o jardim, as muralhas do castelo mourisco e onde a vista deslumbrante nos faz esquecer tudo o mais. Ha no horizonte um traço de cordilheiras baixas, esfumadas na bruma da tarde. O Tejo, cujo areal transparece com a seca do verão, corta a planicie imensa em que as povoações se destacam muito brancas.

Apesar da falta das chuvas resequir e empoeirar a vegetação, os campos têm um aspecto de fertilidade e riqueza. No pôr-do-sol ha uns tons de oiro, quente, que se espalham até meio do ceu. Enleva-nos a formosura da Natureza, que é intangivel e resiste nas suas modalidades á acção do tempo e dos homens.

Quando voltámos, passámos por um portão de casa rica, que fica perto do jardim e chama a atenção por estar todo florido de bouganvilia e verificámos a ruina que já tambem ameaça a porta de S. Tiago ou da Alcaçova, unica que, além da porta do Sol, ainda existe.

No regresso á Chamusca fizemos o trajecto á luz dum luar esplendido e guardando no pensamento as maravilhas da paisagem, que a imaginação povôa de fantasmas sugestivos: mouros de olhos negros e vestes alvejantes; o gigantesco Ibn-Errik assaltando a porta de Atamarma; o esbelto e juvenil filho de D. João II galopando na margem do Tejo, no areal em que perdeu a vida, numa pobre cabana de pescadores; o Alfageme altivo e pobre; a doce "Joaninha dos olhos verdes„ e Santa Iria, a formosa degolada que, por amor de Deus, sofreu a vingança duma paixão humana e veiu rio abaixo até Santarem, que a fez sua Padroeira.

Destas meditações nos arrancava o mau estado do caminho. O aterro da ponte está numa miseria — e assim essa ponte, que sempre foi perigosa, pelas suas guardas muito baixas, pior se torna ainda. O primeiro trecho de estrada que se segue é pessimo tambem. O resto está rasoavel.

O lindo tunel de choupos da estrada de Almeirim desapareceu. Que estavam sêcos, dizem. Não teria sido possivel ir fazendo a substituição, antes da devastação completa ?... Faz pena vêr tanta falta de amor ás arvores, em contraste com o cantico das "escolas semeai„ que ensinam ás crianças...

Maria de Carvalho

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as

D. Maria Henriqueta de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria da Conceição da Camara Pereira, D. Amelia Ferreira Lima, D. Maria Henriques de Lencastre, D. Maria Domingas Queiroz Pinto Coelho e D. Cezaltina Alves de Sousa.

E os srs.:

Barão de Saavedra, D. Francisco de Almeida Manuel de Vilhena, dr. Duarte Ferreira Lima, dr. Anibal de Castro, dr. Caetano Maria de Abreu Beirão, Augusto Cardoso Pinto de Queiroz, Joaquim José Maria de Matos Vasconcelos Guimarães (Riba-Tamega) e Emilio Bobone Testa.

— Faz hoje anos o nosso amigo Carlos Augusto Pereira de Macedo, habil paginador do «Diario de Lisboa».

Casamentos

Realizou-se na paroquial igreja de S. Mamede o casamento da sr.ª D. Lorayda Marreca Perry de Linde de Abreu Oliveira, gentil filha da sr.ª D. Clotilde Marreca Perry de Linde de Abreu Oliveira e do capitão de fragata sr. Eduardo de Abreu Oliveira, já falecido, com o distinto engenheiro sr. José Carlos dos Santos, filho da sr.ª D. Emilia Santos e do ilustre actor e professor da Escola de Arte de Representar, sr. Carlos Santos.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o sr. Guido Waldemar Marreca Perry de Linde de Abreu Oliveira, irmão da noiva e o pai do noivo.

Findo o acto religioso, que revestiu um caracter muito intimo, e foi celebrado pelo rev. prior da freguesia, que fez uma brilhante alocução, os noivos partiram para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

Pontos de reunião

No Trindade

Assistencia elegante á estreia neste teatro da companhia de revista «Ba-Ta-Clan»:

Baroneza de Santa Comba Dão, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Palmira da Costa e Silva, D. Berta Bastos Mendes, D. Catarina Borges Horta e Costa, Madame Hulman, D. Suzana Aires de Castro, Madame Loureiro Lima, D. Maria Moreira Rato Bacelar, Madame Loureiro, D. Maria do Espirito Santo Silva de Melo, D. Maria Amelia Aires de Campos de Barros, D. Maria Luiza Maia, Madame João Aranha, D. Maria da Gloria Vaz Monteiro de Avelar, D. Maria Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Maria Fernanda de Castro e Quadros Ferro, D. Elisa Barroso, D. Maria de Lourdes Pinto Ferreira, D. Eduarda Maria de Faria Cardoso, D. Maria Augusta Pinto de Magalhães e Castro, etc., etc.

Em viagem

Regressou do Monte Estoril, com sua esposa a sr.ª D. Julia de Serpa O'Neill o sr. Hugo O'Neill.

— Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Albana de Sommer Osorio, regressou de Cascais o sr. João da Silva Carvalho Osorio.

— De Setubal regressou o sr. D. Miguel Homem de Sampaio e Melo.

— Com sua esposa a sr.ª D. Maria Amelia Arriaga Xavier da Costa e suas filhas, regressou de Valença o sr. dr. Xavier da Costa.

— Regressou de Guimarães com sua familia o sr. João Peixoto de Bourbon (Lindoso).

— A sua casa em Alpedrinha, regressou o sr. dr. João Caldeira Bourbon Pinto Geraldes.

— Regressou de Azeitão com sua familia o sr. dr. Henrique Bastos.

— De Gandra de Calara regressou o sr. Domingos Nogueira.

— Da sua casa de Caxias regressou com sua esposa a sr.ª D. Maria Ferreira Lima Belo, o sr. Boaventura Mendes de Almeida Belo.

Doentes

Tem experimentado sensiveis melhoras a sr.ª D. Mary Mascarenhas, que está em tratamento na casa de saude de Bemfica.

A maquina humana

Só um preto seria capaz de uma coisa assim! — ouve-se frequentemente exclamar ao tratar-se da famosissima serie de saltos mortais, atingindo muitas vezes mais de duzentos, sem interrupção, com que no Coliseu dos Recreios todas as noites o negro Aristides assombra as multidões ali atraídas pelo anuncio da proeza maravilhosa.

De facto, só uma raça em que não pesam as taras já milenarias da civilização, poderia fornecer um tão raro exemplar de resisetncia e de destreza, como esse extraordinario saltador que ultrapassou tudo quanto se poderia esperar da maquina humana.

Duzentos saltos mortais sem interrupção! Na realidade, só um preto...

TEATRO AVENIDA — Tel. N. 4356
Companhia de vaudeville
Satanela-Amarante
TODAS AS NOITES A's 21,30
Sucesso sem igual
O Pão de Ló
O grande acontecimento de Lisboa

EDEN Tel. N. 3800
O das enchentes colossais
HOJE em duas sessões — A's 8 e 3/4 e 10 e 3/4
Noites de vibrante entusiasmo
com a imortal revista
Cabaz de Morangos
Camarotes com 5 entradas, desde esc. 26$00; balcões, 6$500; plateia, 5$00; geral e galerias, 2$50; promenoir, 1$50

A's 21 horas TRINDADE Telef. T. 976
Companhia Ba-Ta-Clan
HOJE:
2.ª representação da super-revista
parisiense
OH! LÁ! LA!

POLITEAMA Empresa Luiz Pereira Telef. N. 3028
A's 21,30 HOJE — Companhia Ilda Stichini-Alexandre d'Azevedo
2.ª representação, neste teatro,
da peça de grande sucesso
OS FILHOS

GOLDEN FLOSS
MILD VIRGINIA
DELICIOSO CIGARRO INGLEZ

Dr. G. de Brito Chaves
8-A, R. Rosa Araujo (á Avenida)
Consultas ás 16 h. Tel. N 4696

MOLDURAS
PARA RETRATOS
LINDOS MODELOS DE FABRICAÇÃO EXCLUSIVA
Photographia Brasil
R. ESCOLA POLITECNICA, 141

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

DE QUINTA-FEIRA

por Norberto de Araujo

DA emigração, da vida e da morte

O fenomeno da emigração é complexo. Ele constitui mesmo uma sciencia, cuja consulta em rigôr, não está neste momento á mão do jornalista.

O sentimento, sim, ajudado pela razão fria, está sempre á nossa mão.

Os ultimos exageros da emigração repelem todas as leis e todas as conclusões scientificas.

Ha entre emigração e colonização uma diferença fundamental: a que existe entre a aventura primitiva e a moderna aventura raciocinada.

O emigrante leva o seu saco e a confiança na sua estrela. Mas quasi sempre, quando chega ao Brasil, o céu está enevoado — e não ha estrelas.

O Cruzeiro do Sul cansou, e até os mareantes já não se guiam por ele.

O emigrante leva consigo uma certeza: a da sua dôr. A dôr não termina com a mudança de ares.

Uma vez ouvi na provincia estes quatro versos:

O' Lisboa, ó Lisboa
ó Lisboa de ganhar,
aqui tambem é Lisboa
p'ra quem quizer trabalhar

Aparte o exagero lirico, em toda a parte se vive. O trabalho mal dá para comer, em certas regiões onde até as pedras tem a feição agressiva das laminas nas piteiras dos valados.

O instinto de aventura emigratoria tem de ser combatido. O embarque dos emigrantes deve ser regulado. A miseria, como a doença, precisa de clinicos. E ha doenças imaginarias.

Esse espectaculo confrangedor das caravanas de emigrantes, que agentes clandestinos provocam por esse mundo de Cristo — mulheres, homens, crianças — necessita um travão.

Qual?

Não compete ao jornalista indicá-lo. O Brasil é uma fonte de riqueza e de desilusões. Porque lá estivemos — o sentimos.

Uma vez andou pendurado no nosso automovel todo o dia um rapazito que no Rio começava bem cêdo a colher as flôres da sua arvore de ilusões. Flôres de desgraça.

A bordo de um paquete inglês fômos encontrar, eu, o sr. dr. D. Tomás de Mello Breyner e o sr. dr. Barbosa de Magalhães — então oficial medico de bordo, um, e ministro dos Estrangeiros o outro — um rapaz de vinte e tal anos que na enfermaria, numa cama suspensa, pedia que lhe dessem uma laranja e apressassem a marcha do navio para ver se chegava a tempo de encontrar a sua mãe viva. Que era como se dissésse: a tempo de chegar vivo ao pé de minha mãe.

A arvore de laranjas do Brasil está a secar, para os que se não apetrecham para as exigencias da vida moderna.

Estabelecer a colonização portuguesa no país irmão só por laços de coração, telegrafia sem fios de amôr e de saudades, póde ser muito romantico, mas é tambem demasiadamente triste.

* * *

Outro genero de emigração que todos os dias, em duas linhas, peja o noticiario — é o suicidio.

Ah! Deste país de sonho é que não se volta mais. E se a tranquilidade é certa — quem se atreverá a dizer que esta tranquilidade não é pior do que todas as agitações?

Da vida sai-se por coragem, admitindo que haja a coragem fisica e moral, mas esta coragem, mesmo na sua interpretação de brio ferido de morte, exigindo redempção — é uma variante da covardia.

E' outro sintoma da passagem da aza negra da desgraça, pela nossa terra. Por este genero de emigração, vão os heroes e vão os fracos.

O que será preciso — mas, como? — é restituir á nossa terra a alegria de viver! Mesmo que seja nos braços da pobreza.

* * *

De onde a onde, os jornais noticiam casos de transfusão de sangue. Agora já passam despercebidos.

E' o acto de generosidade mais belo que conheço, e em certos casos chega a ser sublime.

Quando é um sentimento que impele o braço á operação, o acto não deixa de ser belo, mas o egoismo do sentimento original mata o sublime. Ou por amôr, ou por amizade — o paciente lucra com isso uma satisfação moral.

Creio que um dos primeiros, se não o primeiro homem português que deu o seu sangue para salvar outro homem foi, na guerra, o dr. Alvaro de Andrade e Silva, medico, e que foi meu condiscipulo ha 25 anos. Nunca mais viu o soldado a quem emprestou, sem juros, a vida, que o sangue novo e escaldante representa na hora das hemorragias fatidicas.

Isto, sim, que é generosidade perfeita.

Ha poucos anos, um rapaz aqui em S. José prestou-se a fornecer o seu sangue. O doente melhorou; o paciente sofreu alguma coisa com uma complicação que os medicos não podiam ter previsto.

Algumas mulheres, sabendo do facto, fôram a casa do môço deixar flôres. A que o rapaz salvou nunca mais lhe apareceu. Teve pudôr, talvez, de aparecer diante dele, e corar com o sangue que ele lhe deu.

A sua generosidade ficou sublime, e se é certo que a operação já é tudo quanto ha de mais simples, sempre é um acto a que o egoismo dos homens não se presta — avulso.

A transfusão de sangue é um capitulo de romance e de teatro, ainda por escrever. (Não me receio do plagiato). E' mesmo uma restituição.

Uma vez saía eu do Hospital onde tinha assistido a uma operação, e topei, em S. Domingos, uma mulher que chorava, chorava como uma criança. Um homem havia acabado de criar uma irmã. Outro havia talvez acabado de desprezar uma ilusão — que é a mais dôce irmã de uma vida. Pagos.

* * *

Quem escreve, e se expõe naturalmente emitindo opiniões—nesta trincheira do jornalismo onde, como sentenciou alguem, se não se arrisca a vida arrisca-se a tranquilidade e até a honra — está sempre sugeito ao aplauso e á calunia. Estes comentarios ficam alheios ao jornalista, que a mór parte das vezes os não chega a ouvir. Ha, porém, um recurso de que muitos leitores se servem para comunicarem com o publicista: a carta. E quasi sempre a carta anonima. Tenho recebido, e todos os que escrevem, centenas e centenas de cartas. As que visam afrontar são em maior numero. Por mim, não respondo, e não é por desdem, visto que mesmo atacar-nos é uma fórma de atenção, de certo modo interpretada. E' para não abrir precedentes.

Mas hoje, em duas linhas, quero dizer a uma senhora «M. M.» que me escreveu na sua letra inglesa e na sua ingenuidade simpatica: não escrevo de amôr, mesmo literariamente, porque corro o risco de me ver erradamente retratado pelo publico, em casos futeis de mera imaginação ou sugestão de generalidade. Nos livros, isso cabe mais á vontade, e com melhor exito e lucro profissional. Reconheço que é interessante ás vezes — vamos. Mas para quê? Além de tudo, parcer-me-ia comodismo cobarde. Ha mais sobre que escrever, mesmo que pareça não oferecer interesse.

Ao cavalheiro «admirador» que me censura por não atacar certos pontos de natureza politica ou social, ou pelo menos aludir a eles, informo que o jornalismo não se pertence. A sua liberdade é a do tempo e da fortuna. De resto, ele é absolutamente injusto na critica feita ao jornalismo português. Um pouco viajado e lido—eu não sei de país onde o jornalismo seja mais sincero e mais isento de culpa. A fraqueza que nos parece atribuir, pertence a todos, e o cavalheiro «admirador» ou supõe que nesta trincheira se morre por gosto — ou anda na lua.

Percebido?

* * *

O rapaz apunhalado em Italia, como agressor de Mussolini—foi morto por engano.

A Justiça sumaria e directa tem destas ironias pungentes.

Se outra razão não houvesse para poupar a vida ao criminoso, apanhado em flagrante crime de homicidio — havia esta.

Os erros espantosos da punição directa, que só pertence á Justiça, e a Deus.

Agora anda-se á procura do criminoso. Ele ha-de aparecer, diz a Justiça italiana. E ha-de, ainda que seja por outro equivoco.

Mussolini, grande e iluminado — segundo diz um Cardeal e crê o povo — deve poupar-se a criar a sua lenda á custa das mortes inocentes.

Isto repugna tanto, como o crime do lançamento de bombas, que vão atingir crianças, e deixam os herois seguirem devagar no seu carro, pelo peso dos que se penduram nas trazeiras dos coches triunfais. Mussolini viu morrer, á maneira medieval, um môço fascista, da sua côrte, que por acaso assistia á passagem do Duce.

Mussolini, cuja vida não é um exemplo de dureza — como se supõe — deve ter meditado sobre o estranho incidente.

O homicida,, ainda livre, andará a estas horas procurando nos misterios de Italia, cavada de criptas, um cantinho para se esconder ás razões da Justiça legal, e não terá tempo para meditar.

Quanto ao inocente Zamboni, acolhido misericordiosamente sob uma pasada de terra, sob a qual caem apenas as lagrimas da chuva — esse dispensa-se do exercicio espiritual da meditação.

Despertou. Despertou porque, como dizia Gil Vicente

... morrer é só despertar
para nunca mais dormir
e nunca mais acordar.

Não desperta, não acorda no coração dos homens o amôr cristão, que em Roma floriu ha dois mil anos.

A Humanidade gloriosa continua a dormir.

NORBERTO DE ARAUJO

Teatro São Luiz

HOJE — A's 21 horas

A celebre opereta

Maravilhas

(La Calesera)

é o mais belo e encantador espectaculo, linda musica, admiravel conjunto, magnifico desempenho, sempre com variados bailes hespanhoes pelos

LOS YEAR'S

Novos bailados

O espectaculo termina á meia noite

Teatro São Luiz

EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

CONCERTOS BLANCH

16.ª série—1926-1927

No escriptorio da empreza, da 1 ás 5 horas da tarde, está aberta a *assinatura para 15 concertos* da

Orchestra Symphonica Portugueza

dirigida pelo Maestro PEDRO BLANCH

nos quaes tomarão parte grandes celebridades do mundo musical, preparando-se tambem outras sensacionaes andições artisticas.

Os srs. assignantes da ultima epoca teem *preferencia* até á proxima segunda-feira, 8, principiando na terça-feira a assignatura livre.

Os preços da assignatura foram esta epoca sensivelmente reduzidos

PIANOS HARDT
Modêlos de concerto e verticais
Custodio Cardoso Pereira & C.ª
9 — R. DO CARMO — 13

A Cidade

DR. A. DE MENDONÇA
Doenças de Garganta, Nariz e Ouvidos
das 4 ás 6
Tel. N. 908-173, 1.º, Av. da Liberdade

Chá das cinco

Saudades do papel . . .

E' bem certo que nunca os humanos se contentam com o que Deus lhes dá.

Passámos durante anos a barafustar contra as imundas cédulas que o governo espalhou no mercado, a fingir de dinheiro.

—E' uma porcaria! Até é perigoso para a saude! Isto tem lá cara de dinheiro!

E havia até quem as atirasse fóra, enojado...

O reinado da cédula foi assim um doloroso calvario. Cuspida, amarrotada, rasgada, conseguiu este milagre: ser dinheiro e não ser desejada.

A gente vivia duma saudade:

—Os belos tempos do cobre e da prata!...

Já não lhe chamavam o «vil metal». E um dia, só porque um governo mandou para o estrangeiro um carregamento de «corôas» metalicas, ia-se fazendo uma revolução. Chegou mesmo a haver uma revolução «sentimental»...

Pois agora ressurgiu o saudoso dinheiro metalico. Ha-o de todos os tamanhos e feitios. E por sinal que bastante mal proporcionado — e capaz de fazer enganar um pagador-perito.

E já vai para aí uma algazarra:

—Que maçsada! Anda a gente com um quilo de moedas e não tem vinte mil réis!...

E já começa a esboçar-se, nas almas, um vago amôr das pobres cédulas amarrotadas e sujas, cujo reinado de miseria e de amargura vai acabar...

FELIX CORREIA

PIANOS ALEMAES
Preços muito vantajosos
Largo Trindade Coelho, 6, 1.' (S. Roque)

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s|Londres	—	94$75
s|Madrid	—	2$98
s|Paris	—	$67
s|Suissa	—	3$78
s|Bruxelas	—	$55
s|Nova-York	—	19$60
s|Amsterdam	—	7$84
s|Italia	—	$84,5
s|Brasil	—	2$70
s|Praga	—	$58,5
s|Suecia	—	5$24
s|Austria	—	2$77
s|Berlim	—	4$67
Libra esterlina	—	—

Bolsa

Preços efectuados a contado

Obrigações 6 1|2 0|0 1923	607$50
» Externas 1.ª serie	650$00
Acções do Banco de Portugal	802$00
» do Banco Lisboa & Açores	458$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia de Fosforos	—
» da Companhia dos Tabacos	1.105$00
» da Companhia do Gaz, 1922|23	179$00
» da Companhia do Amboim	76$50
» da Companhia Colonial do Buzi	55$00

«DURA LEX SED LEX...»

O mercado

24 de Julho

foi esta manhã derrubado

por ordem da comissão administrativa

da Camara Municipal

Não ha duvida.

A acção da actual Comissão Administrativa da Camara Municipal merece elogios pela sua decisão.

Fôra dada ordem para o despejo e demolição do ignobil Mercado de 24 de Julho, que era uma vergonha da cidade, á beirinha do Tejo.

Esta manhã compareceram no local o presidente da comissão, coronel sr. Vicente de Freitas, e o vereador do pelouro de engenharia, comandante sr. Quirino da Fonseca.

— Mas porque é que ainda aqui ha barracas e gente?

Naturais explicações. O mercado começara a ser demolido. Mas havia resistencias a vencer. Alguns vendedores não podiam de um momento para o outro transferir os seus lugares. Razões justas, sentimentais: razões de peso moral. A vida de cada um, a situação dos pobres vendedores.

Era legitimo.

Mas os vereadores viram rapido. Ou aquilo ia já, ou nunca mais ia. Um "coup„ de telefone resolveu o caso. Apareceu uma brigada de pessoal.

E meia hora depois, á força, sem complacencias, a demolição recomeçou, inexoravel.

O mercado é já um esqueleto. O cheiro é nauseabundo. E das ruinas sairam milhares — positivamente milhares! — de ratas.

Foi o aspecto comico da cousa.

* * *

Não podia deixar de ser.

A caça ás ratas durou hoje toda a manhã, dando pretexto a scenas pitorescas.

Imagine-se o que seria aquele ninho de bicharia!

O mercado dentro de dias desaparece de todo.

O mercado novo, em frente, no sitio onde é o mercado do peixe, ainda por ali algum tempo — nos pavimentos do primeiro piso — instalaram-se as "etalages„ de hortaliça, flores, frutos, tendo desaparecido os algibebes e negociantes de utilidades.

O mercado é já alguma coisa.

O movimento de transformação é enorme.

Ouçamos um vendedor:

— Aqui estamos melhor. E' certo que esta ordem brusca prejudicou muita gente. Mas com o tempo, tudo se arruma. Se não for assim, não se faz nada. Concordamos com a Camara...

Uma vendedeira de peixe, diz:

— Nós tambem vamos sair daqui para a beira do Tejo, mais semana menos semana. Deixá-lo. Concordamos que isto assim é melhor. Ao menos, que o Aterro fique limpo.

E vai ficar.

Desaparecendo o mercado agricola que era um pardieiro, passado o mesmo mercado para o edificio meio construido onde está o peixe, transferido o mercado do peixe para a margem do Tejo — o Aterro e os mercados podem ver-se.

A Camara Municipal, assim bem merece da cidade, ninguem se preocupando com a politica ou o modo de ser politico da Comissão Administrativa,

Assim — está certo.

Limpeza, higiene, adaptação dos edificios á sua função, acabar com a miseria por vicio, pôr as ruas na sua verdadeira posição de uma capital — eis a obra que Lisboa agradecerá á Vereação.

Nada de contemplações excessivas. Ha um limite para contemporisar.

* * *

A estação da Sociedade Estoril está em construção. Levantada ela, limpa a entrada do Aterro, acaba-se com o aspecto degradante que os estrangeiros, passando por ali á força, fixavam, sarcasticamente, nos seus kodacks.

Hoje, o ambiente de transformação invadia todo o mercado.

Centenas de pessoas acorreram ali, e áparte a festa da caça aos ratos, que provocou gargalhadas e não deixou de ser nojenta, tudo foi pelo melhor.

No mercado — onde se exibe já a "etalage„ de flôres do Jorge Casegas, que é o melhor florista do mercado — e onde os frutos e as hortaliças passarão a ter uma apresentação fresca, elegante e condigna — respirava-se hoje melhor.

Até a linda Ilda da Cunha Pinto, a Rainha do Mercado de 24 de Julho, agora duma linha mais que elegante, com o seu luto discreto e o seu sorriso que inspirou pintores e escritores — historia que um dia se ha de contar — passeava hoje pelo novo mercado, como pelos seus dominios. A Rainha da Ribeira, que já tem o seu retrato em Londres (sem que o pintor lhe deixasse sequer uma fotografia do quadro), começa a estar bem ali, com os cachos de uvas tardios, as bananas, os molhos de violetas, que entram a mudar-se da beira dos lagos para os mercados, e todo o conjunto do Mercado, sem a promiscuidade repelente das tavernas e dos chiqueiros.

Para se ver como aquilo acaba por ser, pelo ambiente já estabelecido, reproduzamos o dito desta varina, que hoje extranhava tanta energia e tanto... luxo.

— Sim, senhor. Está muito bem. Este passeio aqui, á entrada, é para colocar... os tapetes.

Não ha nada para civilizar os costumes, como civilizar o ambiente.

E' este o favor que ficamos a dever á Comissão da Camara Municipal.

Monumental Club
(PALACIO DE S. LUIZ)
A Direcção participa aos Ex.mos Srs. Socios que se realisa esta noite a
FESTA DA CARICATURA

O TRINDADE

Foi

hontem

a primeira recita

do "Ba-Ta-Clan„

Reapareceu ontem, no Trindade, a companhia do Ba-Ta-Clan, que já esteve em Lisboa, no mesmo teatro, numa curta, mas interessante série de espectaculos. A companhia de madame Rasimi regressa do Brasil e do Porto, onde foi acolhida entusiasticamente. A notar desde já, e com imparcial justiça, é a formosa grinalda de raparigas que rejuvenesceram o Ba-Ta-Clan. Mais uma vez se prova que a mulher é um admiravel elemento de beleza quando se apresenta, na radiação plena, formosa e eloquente do nú. Razão tinham os pintores da Renascença, e sobretudo esse Rubens formidavel de côr, de sumptuosidade plastica, de delirio carnal, quando unia, nas suas telas, em subtis e audaciosas gradações, o maravilhoso cristão com o maravilhoso pagão. O teatro, que condensa todas as artes, possue na mulher o elemento essencial da sua força, do seu prestigio e da sua virtude. As artistas do Ba-Ta-Clan souberam mostrar, ontem, aos olhos que se arrependam da verdade em nome dum errado conceito de moral, a eloquencia da forma em modelos de academia, sofregos de ritmo e de elegancia.

A revista ontem apresentada "Oh! lá! lá!„ embora tenha a defende-la a distinção de Vitry, um dos melhores cançonetistas que temos ouvido, a elegancia aristocratica de Liane, a alegria, a vivacidade das "girls„ não despertou o mesmo entusiasmo do "Cachez-ça„ que nós esperamos vêr em breve no cartaz. Ha numeros de discutivel oportunidade, que poderiam ser cortados sem prejudicar o espectaculo.

Lambert é um fantasista interessante, que tem um numero de agrado. Referimo-nos ao "academico„. O seu bailado é duma grande fantasia e dum bom movimento saltatorio. O "jazz-band„ "Carlitos„ deu-nos uma pitoresca "Folie jazzeuse„; Vitry, sempre com agrado e elegancia, teve algumas boas criações, que resultariam melhor se estivessem enquadradas com segurança.

"Les John Tiller's Girls„ merecem um grande elogio. Defenderam com o seu magnifico trabalho, sempre perfeito e correcto, toda a revista. O paralelismo, o "entrain„, as marcações coreograficas, denotam uma magnifica inteligencia de conjunto. O quadro "La Fleur d'Amour„ é um lindo desfile, que relembra as magnificencias do "Cachez-ça„ — a grande revista — triunfo do "Ba-Ta-Clan„.

A. P.

UM JULGAMENTO

Começou hoje, no Tribunal do 1.º Juizo Criminal, e perante três juizes, o julgamento do solicitador de Lisboa sr. Rolando da Silva, por abuso de liberdade de imprensa.

E' queixoso no processo o advogado sr. dr. Rangel de Lima que se julgou visado num perfil da autoria do acusado. Este caso tem interessado vivamente o meio forense de Lisboa.

A acusação foi entregue ao sr. dr. Celorico Gil e a defesa está confiada ao sr. dr. Ricardo Mota.

Teatro do Gymnasio

A'manhã:

SONHO DE UMA NOITE DE AGOSTO

Caligrafia

Aperfeiçoa-se rapidamente toda a qualidade de letra, por pior que seja, no antigo Curso de Caligrafia, da R. Diario de Noticias, 44, 2.º. Trata tambem na Calçada do Garcia, 13, 2.º

A Cidade

TEATRO MARIA VITORIA—Tel. N. 3644
Telefone Norte 3644—As 8 e 3/4 e 10 e 3/4
HOJE
A representação da revista em 2 actos e 14 quadros
Pistótira

A MUSICA

Vão começar os concertos Blanch no Teatro S. Luís

Lisboa vai de novo espiritualizar-se. Chega a epoca em que, nas tardes dos domingos, ha um refugio inefavel: os concertos Blanch no teatro São Luis, ponto de reunião elegante da nossa mais aristocratica sociedade. Com o regresso das praias, a cidade vai retomando a sua feição habitual nesta quadra do ano, que se assinala na sua agitação febril com o inicio dos concertos da orquestra Blanch, enchendo de novo nas tardes tão anciosamente esperadas a suntuosa sala daquele teatro, e acompanhando com o mesmo estridor de entusiasmo com que nas quinze series já realizadas—a de agora é a 16.ª—tem acolhido estas notabilissimas audições com crescente interesse.

Os concertos Blanch vão este ano revestir uma feição especial e grande brilhantismo.

Nos concertos tomarão parte grandes celebridades do mundo musical, artistas de primeira grandesa, preparando-se tambem outras sensacionais audições artisticas que constituiram verdadeiros acontecimentos. Em todos os programas serão incluidas primeiras audições das mais notaveis obras dos grandes autores, contribuindo assim para o desenvolvimento do gosto musical do publico. O maestro Blanch, sempre pronto a acolher com a satisfação da sua alma de artista todas as manifestações, como sempre tem mostrado, terá este ano ocasião de ceder a batuta nalguns concertos a alguns talentosos e jovens maestros, que certamente constituirão para o publico e para a arte autenticas revelações.

Acentua-se já nos frequentadores dos concertos da Orquestra Sinfonica Portuguesa do S. Luis uma justificada ansiedade por estas belas tardes de arte, e, por isso, tem sido movimentada a assinatura, que está já aberta no escritorio da empreza, da 1 ás 5 horas da tarde, tendo os assinantes da ultima epoca preferencia aos seus lugares até á proxima segunda-feira, principiando na terça-feira a assinatura livre. E, uma novidade de sensação, pela qual só merece louvores a empreza: os preços da assinatura em todos os lugares foram, este ano, sensivelmente reduzidos, facilitando assim a todos, sem sacrificio, poderem assegurar o seu lugar.

Como se vê, os concertos Blanch revestem, este ano, uma excepcional importancia artistica e tudo faz prever, no S. Luís, uma epoca sinfonica dum alto relevo, constituindo, ao mesmo tempo, um acontecimento mundano no nosso meio elegante.

CLUB DOS PATOS

Reabre hoje as suas portas o velho Club dos Patos, um dos mais acreditados centros elegantes da cidade de Lisboa.

Todas as noites—Tel. 3049 N.
"O PARALITICO"
no TEATRO NACIONAL

TAPETES

Quem vende mais barato e tem melhor sortido é a "**Casa Arte e Ménage**,"—Alecrim, 71, 1.º.

A SITUAÇAO MILITAR

O serviço de Ligações do Ministerio da Guerra

e o que diz ao "Diario de Lisboa,, o major Lobo da Costa

A situação militar criou, no Ministerio da Guerra, um Serviço de Ligações, cuja função parece não ter sido ainda compreendida pela opinião publica, e sobre o qual têm corrido varios boatos infundados.

se novo organismo o coronel D. José de Serpa, que a abandonou por motivo de saude; o coronel João de Almeida, que foi afastado por motivos que são do conhecimento publico, e o major Pereira Coutinho, que foi agora substituido pelo major Lobo da Costa, oficial que ocupa simultaneamente o cargo de comandante do batalhão de Caçadores 5.

O major Lobo da Costa é um militar desempenado, claro nas suas afirmações, embora um pouco rude, mas sincero, bem intencionado nos seus propositos.

E' republicano desde o 28 de Janeiro, isto é, antes da implantação da Republica, e o seu nome nunca apareceu em manejos revolucionarios ou em combinações de duvidosa politica.

O misterio das Ligações

Dado o misterio que tem envolvido o Serviço de Ligações, talvez por um excesso de isolamento em que a nova situação se tem mantido para com a Imprensa, o *Diario de Lisboa* procurou ouvir sobre este assunto de flagrante actualidade o major Lobo da Costa.

Mas o novo chefe das Ligações escusou-se, amavelmente, a ser entrevistado, invocando para isso regulamentos militares especiais, que não permitem aos oficiais do Exercito assinarem artigos ou concederem entrevistas para os jornais.

O jornalista, no entanto, conversou com ele. Trocaram-se impressões. Esclareceram-se alguns pontos melindrosos sobre os quais pesava uma duvida. E da nossa conversa, tiramos algumas conclusões que interessam vivamente ao publico e que o jornalista lhe transmite fielmente, sem correr o perigo do cometer uma inconfidencia.

O Serviço de Ligações destina-se simplesmente a manter, como o seu nome indica, uma ligação constante entre as diversas unidades do Exercito e, simultaneamente, entre estas e o governo, uma vez que ao Exercito cabe a responsabilidade da actual situação.

Nem policia, nem espionagem!

Afirma o major Lobo da Costa perentoriamente que a sua repartição não exerce qualquer srviço de policia e muito menos de espionagem, como tendenciosamente se pretendeu fazer acreditar. Se o novo organismo militar tivesse uma função dessa natureza, ele nunca teria aceitado o lugar que ocupa, porque isso repugnava á sua consciencia de homem e ao seu brio militar.

E' natural que o Exercito, tendo feito este movimento e apoiando o governo, queira estar ao facto dos seus actos e procure mesmo apresentar, embora respeitosamente, sugestões tendentes a contribuir para a obra de salvação nacional que inspirou o movimento militar.

Se fôr absolutamente necessario criar algum serviço especial de policia, a exemplo do que têm feito outras nações e do que se tem feito mesmo entre nós em diversas situações politicas, esse serviço será completamente estranho á Repartição de Ligações e ficará, como é natural, dependente do ministerio do Interior.

Conclue-se ainda do que ouvimos ao major Lobo da Costa que, embora não tivesse tomado uma parte activa no movimento de 28 de Maio e nos acontecimentos que se lhe seguiram, está absolutamente ao lado da actual situação, como aliás se terá depreendido das afirmações claras e perentorias que fez ha dias numa festa militar realizada na séde do seu batalhão.

O Exercito não se revolta

O sentimento que o inspira, no desempenho do seu novo cargo, é o de uma estreita solidariedade com os seus camaradas do Exercito e leva tão longe a sua fé nesse sentimento que, segundo lhe ouvimos, não acredita que haja militares, embora politicos, que atraiçoem neste momento essa camaradagem.

—A complexidade das funções que tenho que exercer e o nome prestigioso dos meus antecessores dão a este cargo uma alta responsabilidade. Eu sei. Mas esteja certo de que não engeito essa responsabilidade. E espero triunfar, mercê do patriotismo e da solidariedade que liga as diversas unidades do Exercito, cujas aspirações ponho acima de tudo e com as quais procurarei manter a mais firme e estreita lealdade.

Com esta afirmação clara, para cujo cumprimento o major Lobo da Costa dá como penhor o seu brio militar, o novo chefe das Ligações marca a sua atitude. Está de alma e coração com as intenções do movimento de 28 de Maio, para cuja realização — ele o declarou — o Exercito está disposto a lutar, uma vez que tem empenhado o seu nome e o seu brio nesta obra, que supõe ser a mais conveniente aos altos interesses nacionais.

Os boatos que correm

Sobre os boatos que correm, colhemos dele a seguinte impressão:

—E' possivel que um ou outro grupo politico, dum republicanismo muito duvidoso, pretenda assaltar o poder por meio duma aventura. Mas as probabilidades de exito são nulas, porque o Exercito manter-se-ha unido para a defeza dos principios que inspiraram o movimento militar de 28 de Maio.

Outra conclusão que não deixa de ter a sua originalidade:

—E deixe-me dizer-lhe que a obra de saneamento realizada pela actual situação aproveita tambem aos partidos politicos, a quem será entregue o poder, depois de cumprida a missão que o Exercito tomou sobre os seus ombros. Porque a ditadura, que tem a sua melhor defeza na obra de dissolução politica que os partidos vinham realizando, durará apenas o tempo que fôr necessario. Posta a casa em ordem, voltaremos a um regime constitucional parlamentar, embora o Exercito fique velando pelo cumprimento da Constituição e dos principios patrioticos que devem constituir o lema duma situação politica nacional e escrupulosamente honesta.

A terminar, com energia:

—E como eu nunca fiz reclamo ao meu republicanismo, devo dizer-lhe que ninguem é mais republicano do que eu, mas ninguem é tambem mais patriota, mais amigo do prestigio do Exercito e do bem da Nação.

Pelos teatros

Companhia Amelia Rey Colaço

Abre amanhã as suas portas o teatro do Ginasio, fresco, elegante, bonito, cheio de tradições, que o fogo não destruiu, e pleno de esperanças.

Estão á sua frente dois ilustres artistas, Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, que reunem, como unicos empresarios, uma companhia fulgurante de valores dramaticos e de mocidade brilhante.

O nome querido, gentilissimo de Amelia Rey Colaço, ligado á probidade profissional, á dedicação e á inteligencia reflectida de seu marido, o actor Robles Monteiro, garantem a temporada, que abre amanhã com a lindissima peça «Sonho de uma noite de Agosto», tradução modelar do ilustre homem de letras e prestigioso critico que é o sr. Avelino de Almeida.

Berta de Bivar

Na peça «O Paralitico», em scena no teatro Nacional, que ha 8 dias se representa com ruidosissimo sucesso, o principal papel feminino é desempenhado pela ilustre actriz Berta de Bivar. E' um trabalho notavel, digno de registo, revelador das altas qualidades de actriz que Berta de Bivar possue, como poucas da moderna geração, uma criação que honra a sua inteligencia e a sua cultura de mulher ilustrada. Seu marido, o grande actor Alves da Cunha, continua recebendo todas as noites os aplausos do publico, como merece o seu magistral trabalho no papel de «Jeronimo».

Augusto Costa

Depois de amanhã o Teatro Variedades vai ter uma formidavel enchente. Augusto Costa, «Costinha», artista de admiravel humorismo, espirito scintilante de actor moderno, realiza a sua festa com um programa de extraordinario interesse.

Além das magnificas canções de «Costinha», entre elas o delirante «jazz-band», ha um quadro novo, que se intitula «L'Ultima Moda».

Atrás do reposteiro

Sobe depois de amanhã á scena, no Teatro Apolo, Companhia Almeida Cruz, a opereta «A Princesa Manequim», em 3 actos, representada em duas sessões, ás 20,30 e 22,30, a preços populares, inicio da epoca de inverno naquele teatro. «A Princesa Manequim» terá amanhã a sua «avant-prémière».

—Adelina Abranches, que reapareee ao publico, no Teatro Nacional, na peça «L'Homme et ses Fantomes» de Lenormand, interpretará dois papeis «A Velha» e «O Medium».

—A Companhia «Ba-Ta-Clan» representa amanhã no Teatro da Trindade, a revista «Cachez Ça», em 2.ª recita de assinatura, efectuando no proximo domingo a sua primeira «matinée».

—Maria Matos e Mendonça de Carvalho adquiriram para o seu repertorio a exibir no Teatro Variedades, a comedia espanhola «Mi querido amigo».

—Rahyra de Sousa, filha da actriz Medina de Sousa, reaparece depois de amanhã ao publico, no Teatro Apolo, num papel da opereta «A Princesa Manequim».

—Estreou-se ontem, no Sá da Bandeira do Porto, a Companhia Lucinda Simões, que obteve um enorme triunfo com a comedia, «O Homem das cinco horas», que teve fóros de uma «prémière».

—Deixou de fazer parte do elenco do Teatro Maria Vitoria, por motivo de falta de saude, pois se encontra doente desde ha dias, a actriz Elisa Santos.

—O maestro Filipe Duarte está musicando os numeros que hão de ornar a opereta «Mouraria», com destino ao teatro Apolo.

—O novo original do nosso presado colega Norberto de Araujo, entregue á companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, intitula-se «Novela de um amor humilde», tal como o seu romance, de tão grande nomeada.

—Para a Companhia de Revistas do Teatro Aguia de Ouro, do Porto, foi contratada a actriz Tina Alves.

—Entre as danças hungaras, russas, americanas, mexicanas e bailados modernos e classicos, as artistas da companhia Sascha Morgowa exibirão no Coliseu dos Recreios o nosso «Fado», estilisado, e a «Samba brasileira».

—A «tournée» Ester Leão, de que fazem parte Gil Ferreira, Antonia Mendes, Abilio Alves e Teodoro Santos, tem dez peças no seu reportorio para exibir na provincia, entre elas «Triste Feia» e «O outro eu».

—E' quasi sempre superior a duzentos o numero de saltos mortais que, sem interrupção, todas as noites no Coliseu, dá o acrobata preto que ali se está exibindo.

PAPELARIA VIUVA MARQUES

RUA DO OURO, 36 = LISBOA

Não deixe V. Ex.ª de visitar a nossa casa

São nossos agentes de publicidade a Agencia HAVAS

ESTOJOS PARA DESENHO — TIRA-LINHAS ESPECIAIS — REGUAS T — TINTAS PARA DESENHO — PAPEIS PARA DESENHO — PRANCHETAS — ESTIRADORES — COMPASSOS — PANTOGRAPHOS — TELA VEGETAL — PAPEL PRUSSIATE — REGUAS DE CALCULO ESPECIAES PARA TOPOGRAFOS, ELECTRICISTAS, ENGENHARIA GERAL E REGUAS DE CALCULO COMERCIAL — XABLONES — ESQUADROS PARA CROQUIS — ETC. ETC.

O MAIS VARIADO SORTIDO DE ARTIGOS DE PAPELARIA E DE ESCRITORIO — INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

COMPANHIA PORTUGUEZA RADIO MARCONI

(Organisada em 18 de Julho de 1925 em harmonia com a legislação portugueza e nos termos do contracto de 8 de Novembro de 1922 entre o Governo Portuguez e a MARCONI'S WIRELESS TELEGRAPH COMPANY LTD.)

Com exclusivo do Governo por 40 anos

CAPITAL Lb. 750.000

DIVIDIDO EM: 250.000 acções ordinarias (já emitidas)
500.000 acções preferenciais ordinarias

Administradores: DR. ANTONIO CENTENO, Presidente do Conselho de Administração. — DR. ALBERTO ALVARO DIAS PEREIRA, Professor e Administrador por parte do Governo. — RIGHT HONOURABLE FREDERICK GEORGE KELLAWAY, do Conselho de S. M. B. Managing Director da Marconi's Wireless Telegraph C.º Ltd. — HENRY WILLIAM ALLEN, Deputy Managing Director da Marconi's Wireless Telegraph C.º Ltd. — JAIME AUGUSTO PINTO GARCIA, Tenente Coronel, Professor e Administrador por parte do Governo. — JOÃO JUDICE DE VASCONCELOS, Oficial da Armada. — JOÃO MARIA FERREIRA DO AMARAL, Tenente Coronel.

Está aberta a subscrição para Lb. 500.000 de acções preferenciais ordinarias, com direito a um dividendo preferencial anual de 8 o|o e uma subsequente participação até 25 o|o dos lucros que forem votados para dividendo, depois de serem distribuidos 8 o|o ás acções ordinarias.

Pagaveis da seguinte maneira: No acto da subscrição 5 shillings e o restante em prestações de 5 shillings a pagar: dois, quatro e seis mezes respectivamente depois da data do rateio.

A subscrição está aberta nos seguintes Bancos e Casas Bancarias;

Banco Burnay
Banco Comercial de Lisboa
Banco Espirito Santo
Banco da Madeira
Banco do Minho
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Portuguez e Brazileiro
Banco Portuguez Continente & Ilhas
Bank of London & South America
A. Piano Junior & C.ª
Augustine Reis & C.ª
Borges & Irmão
Correia Leite Santos & C.ª
Dias Costa & Costa
Fonsecas, Santos & Vianna
José Henriques Totta Ltd.
Marques Pereira & C.ª
Pancada Moraes & C.ª
Porto Covo & C.ª
A. J. d'Almeida & C.ª
Antonio Serrão Franco Junior
Coelhos & Counhago
Oliveira Rodrigues & C.ª
Victor Gonçalves Ltd.
A. da Costa Ivo, Ltd.

No Corretor Oficial: AUGUSTO PLACIDO, e nos outros Corretores Oficiaes da Bolsa de Lisboa.

Por escritura de vinte e três de Setembro de 1926, lavrada no cartorio do Notario Dr. José Peres de Noronha Galvão, se constituiu uma Cooperativa nos termos seguintes:

Artigo 1.º—E' constituida uma sociedade Cooperativa sob a fórma anonima, de responsabilidade limitada, denominada «COOPERATIVA DOS CONDUTORES DE TAXIS DE LISBOA».

Art. 2.º—A duração da sociedade é por tempo indeterminado, tendo o seu inicio nesta data.

Art. 3.º—A Cooperativa terá a sua séde em Lisboa, sendo o seu escritorio provisoriamente no edificio da respectiva garage, na Rua Morais Soares, n.º 130, enquanto a Cooperativa não tiver garage propria ou escritorio independente.

Art. 4.º—Esta Cooperativa tem por fim o transporte de passageiros por meio de carros automoveis com aparelhos taximetros, e, bem assim, a recolha de carros, podendo mais tarde ocupar-se de qualquer comercio on industria acessorios do automobilismo.

§ unico—A Cooperativa adoptará, para seu uso e para se distinguir na praça, a marca «TALBOT», podendo tambem utilisar outras marcas que no futuro sejam vantajosas.

Art. 5.º—Podem ser socios todas as pessoas que, na data da sua inscrição na Cooperativa, sejam condutores profissionais de automoveis, tendo a respectiva carta, e ainda aqueles que, não tendo tal qualidade, a Cooperativa entenda dever admitir para prestação de outros serviços.

Art. 6.º—Nenhum socio pode fazer parte de outra sociedade que tenha por objecto identico negocio, nem por outro modo fazer-lhe concorrencia ou prejudica-la nos seus lucros.

§ primeiro—Exceptuam-se os socios que, na data da sua entrada para a sociedade, sejam proprietarios de automoveis de aluguer de tipo e marca diversa dos da Cooperativa, os quais poderão conserva-los e continuar a explora-los até que os possam alienar, contanto que não façam confusão no espirito publico.

§ segundo—Os socios que recolham os seus carros particulares na garage privativa da Cooperativa, são obrigados a fornecer-se exclusivamente nesta, de todos os artigos em que ela estiver negociando e em igualdade de preços do mercado.

Art. 7.º—Deixam de ser socios e podem ser expulsos da sociedade.

a) Aqueles que não completem a sua entrada social dentro do prazo marcado pela Direcção;

b) Os que desacreditarem a Cooperativa ou os seus corpos gerentes, por palavras ou actos;

c) Os que se tornarem incompativeis, pelo seu feitio violento, e provocarem alterações da ordem ou praticarem algum delito dentro da Cooperativa;

d) Os que, ocultamente, fizerem concorrencia á Cooperativa, explorando outros automoveis iguais.

§ primeiro—A exclus o será sempre da competencia da Assembleia Geral sob proposta fundamentada da Direcção e com prévia audição do respectivo socio.

§ segundo—A Direcção poderá suspender os socios incursos em qualquer dos casos deste artigo, até á resolução da Assembleia Geral.

Art. 8.º—O socio terá o direito de se exonerar no fim do ano social, avisando a Direcção com a antecedencia de dois meses e solicitando autorisação para alienação das suas acções, por carta registada.

Art. 9.º—Aos socios admitidos depois de passados seis meses após a constituição da Cooperativa, poderá ser exigida uma joia da importancia minima de quinhentos escudos, e a maxima que será fixada pela Direcção, conforme o valor do activo social na respectiva ocasião, sendo estas joias destinadas a constituir o Fundo de Reserva Especial.

Art. 10.º—Os socios terão, além dos direitos consignados na lei geral, mais os seguintes:

a) Reclamar a preferencia em trabalhar com os carros da Cooperativa e em igualdade de ordenados estabelecidos ao pessoal contratado ou a contratar, tendo primasia os socios fundadores, e, bem assim, no exercicio de outros empregos da sociedade, incluindo os de contabilistas;

b) Receber todos os bonus que a Cooperativa será obrigada a dar-lhes sobre os fornecimentos que lhes fizer e cuja percentagem será, em cada ano, fixada pela Direcção;

c) Concorrer ás Assembleias Gerais, pessoalmente ou por procuração, podendo esta ser conferida por simples carta;

d) Obter escusa dos cargos para que forem eleitos ou nomeados, alegando motivo justificado.

Art. 11.º—O capital social é variavel, com um minimo de cincoenta mil escudos, composto das entradas dos socios que forem sendo sucessivamente admitidos.

Art. 12.º—Cada socio entrará com a quantia de cinco mil escudos, pago por uma só vez ou em prestações, mas só terá direito a dividendos correspondentes a quinhentos escudos, nos termos da portaria n.º 3.319 de 6 de Setembro de 1922.

Art.º 13.º—As acções serão do valor de cem escudos e cada socio receberá as correspondentes ao valor da sua entrada.

Art. 14.º—A transferencia das acções, seja aos socios existentes, seja a socios novos, só pode ser feita com autorisação da Direcção.

§ unico.—Da recusa da Direcção poderá o socio apelar para a Assembleia Geral Extraordinaria.

Art. 15.º—A Direcção é composta de três membros, cujos cargos serão renumerados conforme a decisão da Assembleia Geral.

§ primeiro.—Os membros da Direcção distribuir o entre si os serviços pela forma que julgarem mais conveniente.

§ segundo.—O membro da Direcção que tiver a seu cargo a escrituração e contabilidade sociais poderá receber uma gratificação especial, no caso de efectuar pessoalmente os respectivos trabalhos de guarda-livros ou seu ajudante.

Art. 16.º—Compete á Direcção:

Primeiro—Prover á Administração da Cooperativa conforme a lei, os estatutos, os regulamentos, as decisões da Assembleia Geral e os usos comerciais.

Segundo—Admitir os socios novos sob proposta de dois socios antigos no pleno goso dos seus direitos e propôr á Assembleia Geral a exclusão de algum socio nos casos do artigo setimo.

Terceiro—Nomear os empregados renumerados que julgar indispensaveis, estabelecendo-lhes as suas atribuições, cauções e vencimentos, e suspende-los ou demitti-los.

Quarto—Representar a sociedade, activa e passivamente em juizo ou fóra dele, devendo quaisquer actos e contratos, especialmente cheques e letras, ser firmados, pelo menos, por dois dos Directores para que a Cooperativa fique obrigada, excepto em correspondencia e documentos de expediente e recibos de pagamentos, os quais poderão ser firmados por um só Director.

Quinto—Usar da firma social nos negocios sociais e propôr á Assembleia Geral a distribuição dos «bonus» da Cooperativa.

Sexto—Promover a convocação do Conselho Fiscal quando julgar necessario.

Setimo—Cumprir os demais deveres e exercer as demais atribuições que lhe forem conferidas pela lei, pelos estatutos e regulamentos.

§ primeiro—E' expressamente proibido aos membros da Direcção, firmar em nome da Cooperativa, letras de favor, prestar fianças ou assumir quaisquer outras responsabilidades por obrigações alheias, sob pena de pagarem á Cooperativa uma multa equivalente ao dobro da responsabilidade contraida, além das demais perdas e danos, e da imediata demissão do cargo, que a Assembleia Geral votará sem discussão logo que tal facto se prove.

§ segundo—A responsabilidade da Direcção cessa seis mezes após a aprovação do balanço e contas da gerencia, salvo provando-se que nos inventarios e balanços houve manobras criminosas ou indicações falsas para dolosa ocultação da verdade.

Art. 17.º—A Direcção poderá ser reeleita, mas em cada ano terá de ser substituido um dos seus membros, sendo nos primeiros dois anos, por sorte, e nos seguintes, por antiguidade, saindo o que tiver mais tempo de serviço, salvo se a Assembleia Geral deliberar a recondução do socio que tiver de sair por ser esta conveniente á sociedade.

Art. 18.º—O Conselho Fiscal será composto de três membros efectivos e três suplentes, servindo um daqueles de presidente e um destes de suplente do mesmo e qualquer dos outros de relator.

Art. 19.º—O Conselho Fiscal reunirá uma vez em cada mês e extraordinariamente sempre que o julgue necessario ou a Direcção o faça convocar.

Art. 20.º—Os membros do Conselho Fiscal receberão uma gratificação por cada sessão a que assistirem, a qual será fixada pela Assembleia Geral, conforme os lucros da sociedade.

Art. 21.º—Os membros do Conselho Fiscal são solidariamente responsaveis com a Direcção pelo prejuizo que possa haver para a Cooperativa, da sua falta de Fiscalisação nos actos contrarios á lei, aos estatutos, e, em geral, aos interesses da Cooperativa, excepto os que tiverem protestado em tempo devido ou votado contra as deliberações da maioria.

§ unico—A responsabilidade do Conselho Fiscal cessa com a da Direcção cuja gerencia lhe cumpria fiscalisar e nos mesmos termos.

Art. 22.º—A Assembleia Geral é constituida pelos socios que estiverem no goso pleno dos seus direitos, e só podera funcionar com a assistencia minima de vinte socios, na primeira convocação e, na segunda, com qualquer numero inferior.

Art. 23.º—A convocação da Assembleia Geral será feita pela publicação de anuncios na folha oficial e por editais afixados na Séde da Cooperativa, além de um aviso-circular enviado aos socios, cuja morada certa fôr conhecida no livro de socios.

Art. 24.º—Haverá duas Assembleias Gerais ordinarias em cada ano, sendo uma nos primeiros três meses posteriores ao termo de cada gerencia para a discussão e votação dos respectivos relatorio, balanço e contas de qualquer assunto dado para a mesma ordem do dia, e a outra, nos ultimos dois meses de cada ano social, para se tratar de qualquer assunto de interesse social.

Art. 25.º—As Assembleias Gerais Extraordinarias serão convocadas em qualquer epoca do ano, quando a Direcção e o Conselho Fiscal o entenderem ou a requerimento de dois socios, que representem a quinta parte do minimo capital social.

Art. 26.º—Compete á Assembleia Geral:

Primeiro—Eleger os corpos gerentes de entre os socios que estiverem no pleno goso dos seus direitos.

Segundo—Discutir, votar ou modificar o balanço e relatorio da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal sobre as contas da gerencia e deliberar sobre qualquer assunto de interesse da Cooperativa.

(Ver continuação na 7.ª pagina)

A prestações
Pechinchas, capas, calçado, chapeus, etc.
TRAVESSA ANDRÉ VALENTE 7
62—AVENIDA ALMIRANTE REIS—62
Compra-se mobilia em bom estado

ESTRANGEIRO

Inglezas e Francezas
das melhores marcas desde esc. 600$00
JOSÉ ANTONIO DE MAGALHÃES
Largo da Anunciada, 13

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da Italia

ROMA, 4

O presidente Mussolini, proveniente de Forli, chegou a Roma ontem á noite, sendo recebido na estação pelos ministros e sub-secretarios, e pelas altas autoridades do Estado e do Partido. O governador de Roma apresentou-lhe as boas-vindas em nome da cidade, seguindo o presidente Mussolini para a Vila Torlonia, sempre acompanhado por uma enorme multidão, que freneticamente o aplaudia. Esta manhã, acompanhado pelo principe Udini, representante do Soberano, corpo diplomatico e altas autoridades do Estado, Mussolini assistiu a uma missa solene na igreja de Santa Maria, tomando em seguida, parte no grande cortejo que foi saudar o tumulo do Soldado Desconhecido, por ocasião da celebração da vitoria, sempre entre grandes ovações da multidão. — (H.)

A policia de segurança parece ter prendido toda a familia de Zamoni, morto como autor do atentado contra Mussolini, e cujos sentimentos são inteiramente fascistas, a fim de atraír o destinatario do telegrama enviado imediatamente em seguida ao atentado, por um desconhecido, telegrama cujo texto era este: «Estou são e salvo». O destinatario deste telegrama parece já estar preso, e a prisão do seu autor, o verdadeiro autor do atentado contra Mussolini estará por horas.—(H.)

Querem segurar a VIDA?
Querem segurar o seu pessoal contra ACIDENTES DE TRABALHO?
Não o façam sem se informarem das condições da COMPANHIA GERAL DE SEGUROS
LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 121 — Tel. C.-3415

ANTONIO AUGUSTO LEMOS

MISSA

Recordando o 30.º dia de tão desgraçada morte, mandam seus paes rezar uma missa na egreja de S. Sebastião da Pedreira, ámanhã, 5, ás 9 horas, por alma d'este seu querido filho, que Deus impiedosamente levou dos carinhos da familia e da dedicação dos muitos dos seus amigos.

Muito reconhecidos a todos os presentes a este funebre acto.

CRONICAS DE VIAGEM

O teatro NA RUSSIA dos "Soviets,,

MOSCOU, Setembro, 1926—O teatro russo não foi nunca muito conhecido no sul da Europa, e só "opera" e "musica" têm conseguido, e ha muitos anos, serem conhecidas e apreciadas em toda a Europa do sul, visto a musica russa ter a expressão e o ritmo das musicas francesa, italiana, espanhola e portuguesa.

Ha baladas do Caucaso que têm a toada dos fados de Portugal e de muitas canções portuguesas.

A tragedia russa teve, no reinado de Catarina, grande apogeu, e, dentro dos palacios imperiais e nos dos grandes senhores, havia teatros para exibição das grandes peças; um livro que consegui, sobre "Teatro russo", ensina que, depois da tragedia, se começou a acentuar, depois de 1880, um genero simbolico; depois, uma jornada ibseniana, e, seguidamente, um teatro de caracteres.

O teatro mistico, peças de feição ortodoxa e de crença, tambem faziam parte do repertorio do teatro russo até 1914: grandes peças historicas mantinham-se pela "feerie" dos scenarios, pelas brilhantes exibições de fatos e pela lindeza do verso: o teatro russo da "ironia" ou "revolução intelectual" era o teatro querido das massas populares, atirando, porém, tal genero de teatro não poucos autores para a Siberia.

Em 1905, gorada a 1.ª Revolução russa, o "teatro vermelho„ inundou a scena, de beleza e graça: verdadeiras apoteoses ao espirito de sacrificio se fizeram em teatros de Moscou e na então S. Petersburgo, sendo muitas as peças proibidas após a 1.ª representação e algumas, como o "Açaimo„, de Niweski, mandadas queimar depois do ensaio geral, figurando hoje algumas paginas dessa bela peça no "Salão do Museu da Revolução„, de Moscou (sala n.º 4, estante 43, manuscrito 1149).

* * *

Feita a revolução, o teatro russo parou, como de resto toda a vida intelectual russa: primeiramente a grande guerra, deixou fechados os principais teatros, e a revolução que se lhe seguiu, depois de 1917, "estagnou a arte russa„: musica, escultura, pintura, literatura e teatro plastico, sofreram os resultados da guerra e da revolução.

Interessando-me o "teatro dos soviets„, procurei falar a uma actriz, a um autor e ao comissario do povo, que trata dos teatros, sua socialisação e regulamentação.

"O artista russo„ não é de si mesmo, mas sim é um produto do Estado: pode vender o que produz, pode pagar-se por cantar, tocar, fazer uns quadros, uma estatua, um livro, uma opera, mas a "sua personalidade artistica„ é do Estado: esta foi uma premissa do comunismo russo; hoje, porém, modificados os arrebatamentos revolucionarios, por Lenine e outros, "o artista„ divide com o Estado o produto do seu trabalho, e obtida licença especial pode sair da Russia e exportar as suas produções, sob o "contrôle„ do Estado.

Sobre propriamente o teatro dos "soviets„, transmito o que me disse o comissario de Instrução, sousuetchavsky, a quem já fiz referencia noutra cronica:

"A maior parte dos teatros russos tem feito o possivel para modificar os seus reportorios, e tanto na Exposição Internacional das Artes, em Veneza, 1924, como na Exposição de Paris de 1925, o teatro russo revolucionario, foi visitado e apreciado por jornalistas e autores dramaticos: o teatro revolucionario, além da "ideia„ tem a beleza da forma, o equilibrio da Verdade e a fôrça do conceito: os teatros de Meyer Khold, o da Revolução, o da Cultura Proletaria, representam peças que são a expressão revolucionaria russa, em tese, dando-lhe plasticidade e animação; são propaganda insistente e agradavel; ouvem-se com agrado, sentem-se com simpatia.

Os nossos artistas são educados nas Academias Scientificas das Artes e aprendem dicção, educação da voz, do gesto, tendo um curso especial para "mascara de teatro„, e "arte de se vestir„.

Os novos "Ateliers Artisticos Superiores de Moscou„ preparam os artistas, dão graça e vida aos papeis, e fazem actores perfeitos, equilibrados e humanos.

Em Outubro deste ano far-se-ha a transformação do "Instituto Teatral„ em "Instituto Tecnico Secundario„, e completar-se-ha assim a educação dos novos artistas.

A revolução russa, tendo hoje ainda um teatro pouco animado, pois está nascente, fará em poucos anos ao mundo inteiro, a afirmação da possibilidade da existencia de teatro, no país dos "soviets„.

A belesa das mulheres russas, a sua graça e vida são universaes e a inteligencia delas unida a dos belos tipos de homens, que são os russos do Caucaso, marcará do teatro mundial uma brilhante carreira para o teatro declamado e musicado da Russia„.

* * *

Assim falou o camarada Lounatckarsky, e retirei-me, sem me ter sido demonstrado, que o teatro sovietico, parece qualquer coisa, digna de ser ouvida, recordada e representiva.

Herlander Ribeiro

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da França

PARIS, 4

O «Temps», comentando os incidentes posteriores ao atentado contra Mussolini, friza a inutilidade das polemicas entre a imprensa francesa e italiana, invocando o interesse das organizações e da imprensa anti-latinas. — (H.)

O governo ordenou um rigoroso inquerito ácerca das organizações anarquistas descobertas em Perpignan, tendo efectuado novas prisões de implicados espanhois e italianos. — (H.)

De Inglaterra

LIVERPOOL, 4

Discursando nesta cidade, o presidente da Camara de Navegação avaliou em 270 milhões de libras esterlinas as perdas sofridas até agora pela Inglaterra, em consequencia do conflito mineiro. — (H.)

Dos Estados Unidos

NOVA YORK, 4

Os resultados já conhecidos das eleições provam uma maioria republicana reduzida de seis votos no Senado e de treze na Camara. — (H.)

De Espanha

MADRID, 4

Um communicado oficial diz que a ofensiva contra os Beni Ider começou vitoriosamente, tendo sido alcançados todos os objectivos propostos. — (H.)

Vasco Alexandre de Faria Bettencourt Moreira de Carvalho

Fernanda de Faria Bettencourt Moreira de Carvalho e Jayme Moreira de Carvalho, participam que, contrariamente aos convites que foram publicados nos jornais desta manhã, é só no sabado, 6, ás onze horas que se realiza o enterro de seu querido filho, pois que ficou adiada para esse dia a chegada a Lisboa do seu corpo.

(Continuação da 6.ª pagina)

Terceiro—Reformar os estatutos, interpretar as suas disposições, suprir as suas omissões quando não previstas na lei e sancionar os regulamentos internos aprovados pela Direcção.

Quarto—Resolver as reclamações contra os actos da Direcção ou do Conselho Fiscal, ou de qualquer dos seus membros, revogar-lhes o mandato, quando fôr caso disso, sem prejuiso do procedimento criminal em que incorrerem.

Quinto—Concordar ou negar escusa aos socios dos cargos para que tenham sido eleitos ou nomeados e resolver as exclusões dos socios nos termos do artigo setimo e seu paragrafo primeiro.

Sexto—Autorisar quaisquer actos e contractos que não sejam da competencia dos corpos gerentes.

Setimo—Nomear liquidatarios e fixar ou prorogar o praso para a liquidação.

Oitavo—Deliberar sobre a fusão com outras Cooperativas e sobre a dissolução e liquidação da sociedade.

Art. 27.º—O ano social será o civil, terminando, porém, o primeiro exercicio em 31 de Dezembro de 1927.

Art. 28.º—A Cooperativa terá um fundo de reserva legal, constituido pela percentagem de cinco por cento dos lucros liquidos anuais, acusados pelo balanço apresentado a Assembleia Geral e por esta aprovado.

Art. 29.º—Haverá tambem um fundo de reserva especial composto pelas joias dos socios novos e por outra percentagem do saldo passivo que o balanço apresentar e por quaisquer receitas extraordinarias, fundo este que será destinado a aquisição de novo material, montagem de oficinas e aquisição de uma garage e séde social.

Art. 30.º—Os lucros liquidos serão distribuidos pela seguinte forma:

Primeiro—Cinco por cento para o fundo de reserva legal até este atingir a quinta parte do capital social.

Segundo—Quinze por cento para fundo de reserva especial.

Terceiro—O remanescente será distribuido pelos socios, conforme a proposta da Direcção e do Conselho Fiscal e a definitiva resolução da Assembleia Geral.

Art. 31.º—A Direcção elaborará os regulamentos internos que forem necessarios ao bom funcionamento dos serviços da Cooperativa.

Art. 32.º—Em todos os casos omissos nesta escritura serão aplicados os preceitos do Codigo Comercial e em especial os dos artigos 207.º a 223.º.

Art. 33.º—A primeira Direcção será composta pelos socios Venancio da Silva, Guilherme Eugenio Pinto de Araujo e Joaquim Maria Calixto de Brito.

Lisboa, 23 de Setembro de 1926.

O notario ajudante

Antonio do Couto Martins d'Oliveira

Cooperativa dos Condutores de Taxis de Lisboa

Por escritura de 28 de Outubro de 1926, lavrada no cartorio do notario dr. Noronha Galvão foi feita rectificação á escritura de 23 de Setembro do corrente ano lavrada no mesmo notario, nos artigos 4 e § unico que fica redigido assim:

«Esta Cooperativa terá por objecto os fins mencionados no art. 2.º n.º 1, 3, 4, 5 e 7 da lei dos Sociedades Cooperativas de 2 de Julho de 1867 especialmente no concernente ao exercicio da industria ou profissão de «Chauffeurs» ou automobilistas que todos os socios exercem».

Ao art. 7 acrescenta-se e alinea seguinte:

«e) Os que por espirito de represalia, em vez de alienarem as suas acções e sairem da sociedade, tentarem prejudicar esta, a pretexto de resalvar os seus direitos, promovendo arrolamentos, imposição de selos ou penhora dos bens sociais».

Ao art. 8 acrescenta-se o seguinte § unico:

«Em caso de falecimento de qualquer dos socios serão as suas acções transmitidas ao seu herdeiro varão que fôr «Chauffeur» profissional e não tendo herdeiros nestas condições serão as mesmas acções transmitidas obrigatoriamente e averbadas a favor de um novo socio recebendo os herdeiros do accionista falecido o respectivo preço em dinheiro conforme a cotação que tiverem».

Lisboa, 30 de Outubro de 1926.

O notario ajudante.

Antonio do Couto Martins de Oliveira

A mulher elegante e distinta
não deve comprar o seu chapeu para inverno sem primeiro vêr a colecção exposta no
Salão Aureo
246—Rua do Ouro—243
Telefone Norte 3818

ULTIMAS NOTICIAS

Joalharia Lory
MODERNO sortido de joias
Fabrico esmerado em platina. Oficinas proprias.
Encomendas e concertos com prontidão.
Rossio, 40
Telefone 3483 N.

JULGAMENTOS

NO TRIBUNAL DOS Pequenos Delictos

No Tribunal de Pequenos Delitos, que funciona no Governo Civil, realizaram-se varios julgamentos, sob a presidencia do juiz sr. dr. Vasconcelos.

O primeiro reu a ser condenado, em 800$00, por proferir palavras obscenas na rua da Palma, foi o cozinheiro Baptista Covas Lourenço.

* * *

Outro acusado: Augusto Nogueira, de 23 anos, sem residencia. Apresenta-se descalço, com um casaco de "kaki", de mangas arregaçadas até aos cotovelos e calças que, em tempos, teriam sido cinzentas.

O juiz interroga-o:

—A sua profissão?

—E' no Poço do Bispo!

—Em que se emprega?

—Sou sota! Ha seis meses que durmo na cocheira do sr. Luis Simões.

—Sabe que é acusado de não ter meios de subsistencias para poder viver?

—Saberá o sr. juiz que eu cá sempre vou ganhando para comer!

Todas as testemunhas foram unanimes em afirmar que o reu se entregava á vadiagem. Foi condenado em 200$00 de multa e entregue ao governo como vadio.

* * *

Outra scena: Num lavadouro, Maria Martinho, de 31 anos, peixeira, proferiu varias palavras ofensivas da moral.

A acusada, para conquistar a comiseração do julgador, apresenta-se com duas creanças ao colo.

O juiz:

— Não tinha ninguem que lhe ficasse com essas creanças?

— Não, senhor juiz. Sou pobre! Como sabe, no melhor pano cai a nodoa...

— Sabe que é acusada de proferir obscenidades?

— Não sei o que seja isso...

— Não é, então, verdade, ter dito em voz alta, isto e aquilo...?

— E' verdade. Mas essas palavras foram ditas de brincadeira!

Vem a primeira testemunha, Deolinda.

O julgador interroga:

—Diga lá o que ouviu dizer a esta mulher...

—O que ela disse foi de brincadeira...

—Mas diga!

—Oh! Sr. juiz, isso não se pode dizer...

—Diga, diga, diga...

—Só ouvi dizer uma palavra—(e proferiu o adjectivo).

—Então, não disse isto, mais aquilo?—exclamou o juiz.

—E' verdade! E' verdade!

E' lida a sentença, que condenou a acusada em 300$00!

DE LUTO

Missa de sufragio

Com numerosa assistencia, celebraram-se hoje duas missas, uma na Igreja da Sé e outra na Igreja do Sacramento, sufragando a alma da estremosa esposa do sr. Arsenio José Xavier.

Ao piedoso acto assistiram, além das pessoas da familia da extinta, algumas senhoras.

O sr. João Carvalhosa representava o sr. Antonio Vieira Pinto.

Vasco A. de F. B. Moreira de Carvalho

E' no sabado, ás 11 horas, que se realiza o funeral do sr. Vasco Alexandre de Faria Bettencourt Moreira de Carvalho, filho da sr.ª D. Fernanda de Faria Bettencourt Moreira de Carvalho e do sr. Jaime Moreira de Carvalho.

OS GENEROS
Os direitos DO ASSUCAR
não devem ser elevados
segundo o parecer da Comissão Revisora de Pautas

A proposito da momentosa questão dos assucares, ouvimos o sr. Roque da Fonseca, activo e inteligente director da Associação Comercial de Lisboa, e seu representante na Comissão Revisora de Pautas.

—O que a Comissão de Pautas resolveu, depois de ter ouvido largamente os representantes das industrias assucareiras dos Açôres, de Moçambique e de Angola e ainda dos refinadores de assucar, depois de ter discutido com toda a amplitude tão importante assunto durante três longas sessões; foi «que o diferencial de 50 por cento nos direitos aduaneiros de que o assucar colonial beneficiára em determinada quantidade se tornasse extensivo a todo o assucar colonial importado e que os actuais direitos aduaneiros sobre o assucar não fôssem elevados». A proposta apresentada neste sentido, foi aprovada por eloquente maioria — 12 votos contra 6. Ainda para os efeitos a tirar, não deixa de ser interessante saber-se que a Comissão de Pautas é composta, além dos distintos funcionarios aduaneiros que dela fazem parte, por três professores de Ensino Superior e por representantes da Associação de Agricultura e das Associações Comerciais e Industriais de Lisboa e Porto, sendo tambem conveniente acentuar que todas as classes estiveram representadas e todas intervieram na discussão e votações.

—Mas a proposta do sr. Antonio Belo...

—Só no final da ultima sessão, depois de efectuadas as votações a que aludo, é que o sr. Antonio Belo, defendendo a aspiração — tanto no animo de todos os outros membros da Comissão! — de que a metropole se bastasse com o assucar colonial, apresentou, em sintese, uma proposta, que ficou de redigir mais tarde, para que se constituisse uma comissão com o fim de estudar qualquer solução que atingisse esse objectivo, solução que nunca poderia contrariar, evidentemente, as resoluções já tomadas. Algumas duvidas se levantaram ainda assim, e eu fui dos que votaram a proposta com restrições, por não conhecer qual seria a sua redacção, do que só tenho que me felicitar agora que a conheço pela transcrição feita no *Diario de Lisboa*, visto que ela proconiza tabelamentos mais ou menos encapotados, e a Associação Comercial de Lisboa não aceita tais formulas, antes as combate energicamente.

—Mas não considera a industria assucareira uma das nossas industrias coloniais mais importantes? — preguntámos.

—Sem duvida. E tanto assim que outra coisa não tenho feito dentro da Comissão de Pautas, senão defender os principais pontos de vista da «Secção de Comercio Colonial» da Associação Comercial e que são: 1.º, O diferencial de 50 por cento nos direitos aduaneiros extensivo a todo o assucar colonial. 2.º, Determinadas vantagens alfandegarias para os melaços provenientes das industrias do assucar e para o alcool proveniente da destilação do melaço de cana sacarina. 3.º, Localização nas duas provincias (Angola e Moçambique) no direito de exportação, e o mesmo reduzido a um direito meramente estatistico, para facilitar a exportação.

—Sobre as duas primeiras reclamações...

—Já a Comissão de Pautas se pronunciou favoravelmente.

—Quanto á terceira...

—Tambem é justissima, pois não faz sentido que as colonias produtoras onerem o assucar de fórma a dificultar a sua concorrencia aos mercados mundiais. Essa, infelizmente, não depende em coisa alguma da Comissão de Pautas, que com ela concorda, aliás, absolutamente.

—E sobre aumento de direitos aduaneiros?

—Com isso não concorda a direcção da Associação Comercial, por considerar bastante protecção o bonus de 50 por cento sobre todo o assucar colonial, acrescido ainda dum outro de 10 por cento quando seja transportado em barcos portugueses, o que sempre sucede. Depois o que pretendiam alguns coloniais era dum exagero inadmissivel. Nada menos do que o aumento dos direitos para 80 réis-ouro para o assucar superior ao tipo 20 da escala holandesa (assucar branco), e 40 réis-ouro para o assucar inferior (assucar amarelo). Quere dizer, o assucar branco que actualmente paga de direitos $63, passaria a pagar, grosso modo, 1$60, ou seja tanto como custa o assucar estrangeiro posto em Portugal! Mas, como este, com tais direitos proibitivos deixaria de vir, e como se passaria a importar quasi exclusivamente assucar amarelo pelo qual os industriais coloniais, com o diferencial de 50 por cento, pagariam apenas $40, segue-se que a protecção pautal seria, de facto, de cerca de 1$20 para os nossos assucares. Dentro em pouco, mais tabelamento menos tabelamento, o consumidor estava-o pagando, pelo menos, por mais uns dez tostões.

—Afirma-se que seria uma medida patriotica...

—Tenho, na verdade, já ouvido falar para aí em patriotismo a proposito desta questão. E deixe-me dizer-lhe que quando oiço bater muito a técla do patriotismo, desconfio sempre... Por mim—e estou certo de que o mesmo acontecerá aos 11 componentes da Comissão que votaram como eu — posso bem com a «falta de patriotismo» que me levou — para que aos 6 milhões de portugueses da metropole não fôssem arrancados uns 50.000 contos de que o Estado talvez não recebesse 1.000, — a não votar uma pretenção desmedida duma industria a quem nunca a Comissão de Pautas tem recusado o deferimento de justas protecções.

* * *

E o sr. Roque da Fonseca, concluiu assim:

—Que se gaste só assucar nosso, para mais, produzindo as colonias quantidade superior ao consumo da metropole, todos o ambicionam; ninguem o deseja mais do que eu. Mas que isso se consiga dentro daqueles meios de defeza e daquelas protecções justas que não ultrapassam os limites do razoavel. Agora, á custa de direitos incomportaveis, tabelamentos disfarçados, ou outros processos identicos, nunca — pelo menos com o voto do delegado desta direcção da Associação Comercial de Lisboa, direcção que muito se orgulha de ser a continuadora da politica economica, de processos desempoeirados e claros, que a sua antecessora iniciou, e que apenas permite considerar legitimos, e consequentemente defensaveis, aqueles interesses das classes que cabem bem á vontade, dentro dos interesses sagrados da Economia Nacional.

ARTE MODERNA

OS ARTISTAS QUE vão ao Salão de Outono

O arquitecto José Pacheco, director da "Contemporanea„ e organisador do II Salão de Outono, quando o jornalista o felicitou por ter encontrado um capitalista para a sua revista, que é uma das melhores da Europa, aproveitou a ocasião para dizer ao *Diario de Lisboa* as suas impressões:

—Tive varias propostas e, comtudo, a que me pareceu melhor, a mais livre, a mais acolhedora, aquela que não me creava embaraços e não agrilhoava os meus movimentos livres, sempre livres, foi a de Mario Freitas Ribeiro.

E José Pacheco observou:

—Pode estranhar a muitos que um negociante subsidie uma revista de Arte. Ora, em Portugal, tendo desaparecido o Rei D. Fernando, a Duquesa de Palmela e o Conde de Valmôr, e não existindo estimulos governamentais — o Estado vive totalmente alheio a todas as iniciativas—os artistas têm que morrer entre os que se propõem impulsionar os seus planos. Foi a recordação desses factos que me obrigou a escolher o apoio financeiro que o sr. Mario de Freitas Ribeiro se propôs emprestar á minha revista. Tinha outras propostas, mas julguei esta a melhor. Era isto que eu desejava explicar ao publico.

—O Salão de Outono?

—Foi adiado para o dia 15. De quem é a culpa? Não sei. Espero que todos os artistas cumpram a sua palavra, isto é, que enviem os seus quadros o mais rapidamente possivel.

—No dia 15?

—Sim. Não seesqueça de visitar o nosso salão. Concorrem a esta exposição: Bernardo Marques, Barradas, Antonio Soares, Sára Afonso, madame Bernardo Marques, Ernesto do Couto, Eduardo Viana, José Navarro, Contineli Telmo, Norberto Correia, Ribeiro Cristino, dr. Ursula Cardoso, Ricardo Bensaude, Eduardo Malta, Feruando David, etc.

—Até ao dia da "vernissage„?

—Sim, meu amigo. Se o dinheiro que espero me chega a tempo, abro a exposição. Podem sempre contar com a minha pessoa. O que ainda não vi foi ninguem fazer milagres... Para fazer um Salão de Outono ou de Inverno é sempre preciso dinheiro...

As eleições na India

Ainda não foi eleito o delegado do Estado da India para o Conselho Superior das Colonias, sabendo-se apenas que as eleições continuam bastante renhidas.

Segundo consta do telegrama hoje recebido e que a seguir se transcreve, os amigos do sr. Mariano Martins assaltaram a assembleia de Calangute, onde o sr. Prazeres da Costa conta grande votação, sendo presos os assaltantes.

Diz o telegrama:

"Prazeres da Costa—Lisboa—Assalto Calangute repelido presos continuam operações esperamos mil duzentos votos. Comunicarei.—(a) *Ribeiro*„.

Depois de tamanha luta eleitoral, que dura ha 5 dias, quem será o vencedor?

Gatunas de forasteiros

O sr. Germano Simões, do Alto do Estoril, apresentou queixa á policia, de que a gatuna de forasteiros Custodia da Piedade lhe furtou a quantia de 1.600 escudos.